



**A RISOTA** – *Semanário, humorístico, teatral, desportivo e charadístico*, assim se apresentava no “mercado da gargalhada”, a 23 de Fevereiro de 1908, a nova folha humorística, com naturais “desejos de agradar” aos portugueses. Publicou-se em **Lisboa**, com redacção e administração na Calçada da Estrela, 73, 2.º (embora fosse impressa, para não destoar, no bairro dos jornais, o Bairro Alto, concretamente na Rua da Barroca, 131, 1.º).

*A Risota* teve uma duração efémera: terminou a 10 de Maio de 1908, dando à estampa 11 números. Foi dirigida por **Casimiro Sá Rocha** (o proprietário do título), que manteve a função até ao fim do semanário, tendo como administrador **Jorge Chaves**. Casimiro Sá Rocha foi coadjuvado por **Jorge Grave** (secretário da redacção), **Alexandre Certã** (redactor principal), **Miguel Loureiro** e **Álvaro Garcia** (redactores). Custava 10 réis, se vendida avulsamente, ou 150 réis, por assinatura trimestral.

## CONTEXTO HISTÓRICO

Não era fácil nesta altura entrar, e competir, no “mercado da gargalhada” jornalística. À data da saída d’*A Risota* existiam outras publicações periódicas humorísticas, que disputavam os mesmos destinatários. Era o caso, por exemplo, do bissemanário humorístico lisboeta *Os Ridículos*, nesta altura, a par do *Suplemento Ilustrado* de *O Século* e de *O Xuão*, a principal folha do género<sup>1</sup>. Logo, a concorrência não se adivinhava fácil, quer porque estes jornais já estavam no referido mercado há mais tempo, portanto, com leitores fiéis, quer porque se tratava de projectos jornalísticos sólidos, profissionais, com equipas bem estruturadas, como *Os Ridículos*, que explicavam a duração do jornal e o seu sucesso junto do público.

Talvez por isso *A Risota* tenha procurado uma abrangência temática mais alargada, como se pode depreender do subtítulo, *Semanário, humorístico, teatral, desportivo e charadístico*, procurando assim conquistar outros leitores. Mas também aqui a tarefa seria complicada, dada a concorrência das revistas ilustradas, como *O Ocidente*, a *Ilustração Portuguesa*, os *Serões*, o *Tiro e Sport* ou mesmo a *Brasil-Portugal*, que eram publicações consagradas, nas quais o teatro, o desporto e as charadas tinham igualmente lugar.

Apesar deste quadro desfavorável, Casimiro Sá Rocha e seus colaboradores avançaram com a fundação d’*A Risota*, matizando as dificuldades (leia-se “Aos Leitores”, no primeiro número), pois tinham na “mira” e contavam com a

---

<sup>1</sup> Fundado em 1895, com a primeira série a terminar em 1898; teve uma segunda série, muito efémera, publicada em 1900; mas seria sobretudo na terceira série, publicada entre 1905 e 1963, dirigida inicialmente por Cruz Moreira (o *Caracoles*), que *Os Ridículos* conheceriam a sua fase dourada, concretamente entre 1905 e 1926. Juntamente com o *Sempre Fixe* (1926-1975), foi sem dúvida um dos mais importantes e duradouros jornais humorísticos publicados em Portugal no século XX.

“benevolência dos nossos amigos e conhecidos”. O que constituiria um risco, como os próprios reconheceram, dependentes da “amável e valiosa protecção” inicial do seu círculo de amizades.

Era, portanto, um projecto atravessado por alguma inexperiência (foi a primeira vez que fizeram um jornal), filho de uma “pequeníssima corte de embrionários jornalistas, enfrendidos [sic] de vaidades e sem pretensões a sábios letrados”<sup>2</sup>. Um “modesto semanário”, que aparecia primeiro para ser lido pelos amigos e conhecidos (depois, logo se veria), aspectos que pelos vistos condicionaram a sua sobrevivência, pois *A Risota* ficou-se pelos 11 números, desaparecendo a 10 de Maio de 1908.

## PROGRAMA E LINHA EDITORIAL

*A Risota* trataria de tudo, ou melhor, de humor, teatro, desporto, misturados com charadas, mas não se meteria na política: “De política não tratará e, se essa dama que a tantos seduz tiver o arrojo de querer tentar cá os rapazes, será posta na rua ou entregue aos aliados subordinados do Craveiro, que está encravado...”. Opção que, com raras excepções, se manteve até ao fim da folha.

O **humor** era alimentado pela prosa humorística, nomeadamente na secção “**Festas de Gato**” e nas célebres gazetilhas. Nas primeiras, num registo predominantemente popular, cómico, que visava sobretudo personalidades ligadas ao mundo do teatro: “Com os últimos frios tem sofrido muito a careca do Actor Alfredo Silva. Consta que vai comprar chinó”, ou “Anda com licença ilimitada do Albergue das Crianças Abandonadas o actor Raul Soares” ou “O Eusébio de Melo, intérprete do Sola Grossa no *vai ou racha* diz que em a revista saindo de cena vai ser sapateiro... Será certo? Ele gosta que lhe chamem o Sola Grossa. Talvez seja certo...”<sup>3</sup>, entre tantos outros exemplos. Por vezes, temos alguns gracejos maliciosos: “Afirma pessoa competente que o amador Francisco Judicibus está apaixonado pelo amador Álvaro Nyni. Efeitos do D. César”, ou “O Barradas da Avenida dizem que cada vez está mais canastrão... Será verdade?” ou ainda “O Alfredo Silva diz que já *nem vai nem racha*... Aí fica o aviso às interessadas”<sup>4</sup>, num trocadilho com a peça homónima. No geral, era uma secção divertida, que provavelmente agarraria a atenção dos leitores, até porque algumas das tiradas humorísticas são continuadas nos números seguintes.

Nas **gazetilhas**, o objecto podia até ser a própria “Risota!”:

---

<sup>2</sup> Daí que não devam surpreender as reclamações “*de todo o género*” de que a própria *A Risota* nos dá conta, no n.º 7, de 12 de Abril de 1908, devido a “irregularidades importantes”, que Alexandre Certã imputa a “alguém que em princípio dirigiu e montou os serviços administrativos deste jornal”. A estas irregularidades, que não são explicadas, acresce o mau funcionamento do serviço de assinaturas, sendo muitos os assinantes “a quem tem faltado exemplares do nosso jornal”. Nota rematada com um pedido de “mil desculpas”.

<sup>3</sup> Respectivamente, em “Festas de Gato”, in *A Risota*, Lisboa, A. 1, n.º 1 (23 Fev. 1908), p. 2; n.º 2 (1 Mar. 1908), p. 3; n.º 6 (29 Mar. 1908), p. 3.

<sup>4</sup> Respectivamente, em “Festas de Gato”, in *A Risota*, Lisboa, A. 1, n.º 1 (23 Fev. 1908), p. 2; n.º 2 (1 Mar. 1908), p. 3; n.º 10 (3 Maio 1908), p. 3.

“*Risota?* Cá estou eu! Para a chalaça  
Quero sempre um lugar e dos melhores!  
Que para mim não há calos nem credores  
E em tudo sempre achei imensa graça!

Querem pois, um soneto: - *Faça! Faça!*  
E como são amigos! (sem favores!)  
Aqui estou rabiscando uns desprimores  
Que ainda tem menos chiste que o *Thalassa!*

Vou arranjar aqui uma secção  
Para fazer uma enorme chuchadeira  
Contra os actos da vida de Lisboa!

Quero muitos leitores! E atenção!  
Vou começar em breve a pagodeira.  
Se alguém morrer a rir... é porque é boa!

*Albuquerque II.*<sup>5</sup>

Ou o Carnaval de Lisboa, aqui numa apreciação crítica, em “Foi-se”:

“Foi-se com armas e bagagens  
Tal como um *tipo* que eu conheço,  
O Carnaval outrora muito travesso;  
Hoje a mais triste das imagens.

Marchou com todas as equipagens,  
E francamente, um favor lhe peço,  
é que venha virado do avesso,  
ao voltar cá para estas paragens.

Deixa lá bem longe a monotonia  
Que assaltou tua alegre pessoa,  
E volta a ser o *Rei da Folia*...

E queres que te dê ideia boa?...  
Para vires com tal sensaboria,  
Ó menino, não voltes a Lisboa!?

*Borgesso*<sup>6</sup>.

A crítica política (e social) não está ausente. Numa gazetilha de grande actualidade, intitulada “Cortes e mais cortes”, escrevia-se:

“No talho, corta a carne o cortador.  
O bacalhau na tenda, o merceeiro.  
A sola e o cabedal o sapateiro.

<sup>5</sup> In *A Risota*, Lisboa, A. 1, n.º 1 (23 Fev. 1908), p. 3.

<sup>6</sup> In *A Risota*, Lisboa, A. 1, n.º 3 (8 Mar. 1908), p. 2.

E das bestas o casco, o ferrador.

(...)

Até mesmo o doutor corta na gente  
Na morgue, em casa, nos cemitérios.  
O alfaiate, é que corta os jaquetões.

São todos a cortar – e francamente  
Eu louvo que por lá nos ministérios  
O Franco cortasse gratificações

*Acharat*<sup>7</sup>.

Eram assinadas, na sua larga maioria, por pseudónimos; quase de certeza por amigos ou conhecidos do director e redactores, os “pombinhos correios”, como eram designados n’*A Risota*; a colaboração era solicitada no próprio semanário, numa forma aberta, partilhada com os leitores, precisamente numa pequena secção chamada de “Pombinhos Correios”:

“- Arig, Alcar, Alba, Vinicio. *A Risota* aguarda as vossas versalhadas e tudo o que quiserem.

- Avelino de Sousa, não se esqueça do pedido.

Borgesso, agradecemos o original e fará o favor de mandar mais na volta do correio.

- Zé Remexido, veja se remexe com esses versos.

- K. K. To. Muito honrava *A Risota* com os seus belos sonetos”.

E nos números seguintes dava-se conta desta parceria informal entre *A Risota* e os autores das gazetilhas (bastante dinâmica, diga-se), com apreciações sobre a qualidade das mesmas, ou justificações sobre a não publicação imediata de algumas das “versalhadas” enviadas:

“- Bruto, no nome, fino no verso, aí vai obra, e mande os perfis.

- Luar, recebe-mos mas ficou de fora, para a semana vai, e essas criticas, essas criticas.

- Camparini, mande mais produções, que um charadista do seu quilate não se deve desprezar.

(...)

Torcaz, desculpe, mas só à vista lhe diremos o motivo porque no primeiro número não vieram as suas primorosas produções, mil desculpas”<sup>8</sup>.

As gazetilhas, com presença quase certa nas primeiras 3 páginas d’*A Risota*, eram, portanto, uma componente importante do semanário, ainda que destinada essencialmente a assuntos literários ligeiros, amorosos e humorísticos. A sua abundância crescente, às vezes esmagadora, era um sinal da sua eficácia no gosto e interesse dos leitores deste tipo de publicações.

---

<sup>7</sup> In *A Risota*, Lisboa, A. 1, n.º 1 (23 Fev. 1908), p. 1.

<sup>8</sup> “Pombinhos Correios”, in *A Risota*, Lisboa, A. 1, n.º 1 (23 Fev. 1908), p. 3.

O **teatro**, leia-se o *feedback* das peças, chegava-nos através da secção “**A Risota nos teatros**”; os outros espectáculos, com destaque para a música, os bailes e o teatro amador, eram recenseados em “A Risota nas salas”. O humor penetrava também nas apreciações (“**Rua dos Condes** – *Ou vai ou Racha...* As algibeiras do Freitas é que se vão rachando de massa. É tal a enchente todas as noites, que a polícia vai ser substituída por municipal”); outras vezes, o jornalista ficava pela mera avaliação (“**D. Maria** – *Os Solteirões* peça magnífica, bom cenário, belo desempenho, enfim uma peça excelente. No salão os belos bailes de máscaras”)<sup>9</sup>. Numa redacção sempre muito telegráfica, de modo a cobrir todos os espectáculos em cena na altura.

O **manancial de dados para o investigador da micro-história é enorme**: a secção “A Risota nos teatros”, além das apreciações, das peças e do desempenho dos actores e actrizes, contém informação preciosa sobre o nome dos teatros, salões, e clubes no activo, o nome das peças, o seu sucesso ou insucesso (traduzido na afluência de público), o número de representações, o preço dos bilhetes, a variedade da oferta cultural dos teatros nesta altura (além do teatro propriamente dito, tínhamos, nos seus salões, “belos” bailes de máscaras, bailaricos, récitas, “novas” fitas, espectáculos com o animatógrafo, “belas” cançonetas, “belos” fadinhos, música “excelente”, operetas, festas “catitas”, etc., etc.), o aparecimento de novos espaços culturais (como, por exemplo, o “Salão Fantástico”, dedicado ao cinema, com “parte musical”, na Rua do Jardim do Regedor), entre outras.

A secção “**A Risota nas salas**” fazia eco dos **outros espectáculos** e do **teatro amador**. Também aqui o repositório de dados é prolixo e da maior importância para traçarmos a geografia dos eventos não profissionais na capital. Desde logo, o nome dos clubes e grémios recreativos, associações locais, academias e grupos dramáticos existentes em Lisboa, o local onde estes grupos amadores representavam, o tipo de peças que exibiam (récitas, dramas, comédias, etc.), mas também os títulos, o calendário, os organizadores, o nome dos actores e das actrizes, o destino das receitas, a diversidade de espectáculos musicais (cançonetas, concertos de piano, operetas, etc.), até aos bailes, às festas, que eram muitas, sempre com apreciações sobre a qualidade dos eventos.

Ficamos surpreendidos com a quantidade de iniciativas culturais que tinham lugar na Lisboa do início do século, nomeadamente de peças teatrais, profissionais ou amadoras, cujo número consagrava **o teatro como uma das principais manifestações culturais na época**, a par da ópera. Depois, pela qualidade das representações, ou do seu sucesso, como a *Ó da Guarda, Ou vai ou... racha*, com repetições várias e enchentes sucessivas. Por último, constatamos a onnipresença do **teatro de revista**, tal a frequência e variedade temática das peças exibidas, com estrondoso êxito junto das camadas populares.

Humor, teatro. Seguia-se o **desporto**, embora com menos destaque nas páginas d’*A Risota*<sup>10</sup>. Raramente tem uma secção autónoma<sup>11</sup>, aparecendo

<sup>9</sup> “A Risota nos teatros”, in *A Risota*, Lisboa, A. 1, n.º 1 (23 Fev. 1908), p. 2.

<sup>10</sup> A partir do n.º 9, de 26 de Abril de 1908, deixamos inclusivamente de ter notícias desportivas.

sobretudo integrado noutras, como “A Risota nas salas”, no fim das listagens, com ou sem separador onomástico, ou como uma subsecção de outras secções (“A Risota nos teatros”). Mas, tal como as outras, fornece igualmente um conjunto de informações que nos permitem ter uma ideia precisa do desporto praticado na altura. Por um lado, o menos amador; por outro, o mais informal. Neste, temos em primeiro plano os passeios “velocipedicos” (por exemplo, de Lisboa a Setúbal, dedicado ao jornal; Loures a Bucelas; etc.), ou os campeonatos de luta romana; entre o desporto na fronteira do profissional ou mesmo profissional, releva-se o “foot-ball”, a esgrima e o ciclismo. Somos até informados da inauguração na capital do “Velódromo de Lisboa”, a 22 de Março de 1908. Na programação do “Velódromo da Palhavã” as corridas de profissionais eram regulares, “entrenados por hábeis motociclistas”.

Por último, brindava-se o leitor com as **charadas**, ou seja, as adivinhas e os enigmas. Dispunham de secção própria, a “**Secção charadística**”, e havia charadas para todos os gostos: em verso, em frase, “aumentativas”, “reduzidas”, “eléctricas”, topográficas, enigmáticas, invertidas, etc. Era alimentada a pedido, na secção “Pombinhos Correios”, tal como as gazetilhas. E, também como estas, tinham um papel importante n’A *Risota*, como se pode depreender do espaço que ocupam (normalmente na página 2, na terceira coluna, totalmente preenchida com os enigmas).

Tal como as palavras cruzadas de hoje, constituíam o espaço lúdico d’A *Risota*, um convite ao raciocínio, à inteligência lógica, mas igualmente uma *estratégia* para fidelizar leitores, através do incentivo à colaboração que pressupunha também a compra do semanário. As “decifrações” eram enviadas “no prazo de oito dias a contar da data da saída do jornal”; a correspondência, para esta secção, deveria ser remetida para *Acharat*. A partir do n.º 3, de 8 de Março de 1908, a “Secção charadística” começa a incluir as “decifrações” e a “lista dos decifradores” das charadas publicadas nos números anteriores. Ficamos igualmente a *conhecer* na íntegra os autores das mesmas, ainda que através dos seus pseudónimos, como *Camparini*, um charadista de “quilate”.

## COLABORAÇÃO

Como já se disse, muita da colaboração d’A *Risota* era assegurada por amigos ou conhecidos do director e redactores, os tais “Pombinhos Correios”, que contribuíam sobretudo com gazetilhas e charadas. Como também vimos não é possível saber quem eram estas pessoas, pois na maior parte dos casos recorrem a pseudónimos. Pode até acontecer tratar-se, por vezes, de uma mesma pessoa, com diferentes pseudónimos – prática corrente na imprensa escrita da altura. São muitos os pseudónimos: Borjesso, Acharat, Camparini, Albuquerque II, Torcaz, Zimão, Malampiro, Oh! Nitrebla, Açnarepse, João Ratão, Zé Remechido, Arigh, Antino Ericio, entre outros. Não obstante, lá conseguimos vislumbrar o nome de alguns destes produtores de gazetilhas, como **M. Garcia Júnior**, **Adelino Gomes** ou um tal **Zé Pereira**, de Vila Real.

---

<sup>11</sup> Presente apenas no n.º 8, de 19 de Abril de 1908, intitulada “Sport”, embora passando quase despercebida, com duas notícias: uma sobre o “Velódromo da Palhavã”, sobre uma corrida de meio fundo, “que já há muito tempo se não efectua em Portugal”; outra sobre o “match” de esgrima entre portugueses e espanhóis, em Madrid.

**Jorge Grave**, secretário da redacção<sup>12</sup>, assina algumas, senão todas, as pequenas notas biográficas da “**galeria de artistas e amadores**” do jornal, regra geral publicada na primeira página, acompanhado do respectivo retrato do biografado. As principais secções d’*A Risota* (“Festas de gato”, “A Risota nos teatros”, “Risota nas salas” e as notícias desportivas) não estão, infelizmente, assinadas, pelo que desconhecemos a sua autoria. Provavelmente, saíam da pena dos redactores **Miguel Loureiro** e **Álvaro Garcia**, pois temos referências aos convites que lhes eram feitos para cobrir as iniciativas culturais ou desportivas, e mesmo à sua participação nos eventos. A partir do número 4, de 15 de Março de 1908, ficamos a saber que **Carlos Teles** era o responsável pela “Secção Sportiva”.

**Pedro Marques Carneiro** aparece como o autor da “**Secção literária**”, novidade que surge no n.º 2, de 1 de Março de 1908, mas que se revelou infrutífera, pois não teve continuidade. Publicará nos números seguintes alguns poemas, dispersos. **João Maria Ferreira** colaborou também com alguns poemas, do livro *Primaveras*, anunciado no primeiro número. Tal como **Angelina Vidal**, com “De Profundes”, versos dedicados ao “ilustrado e talentoso publicista, Sr. Pedro Marques Carneiro”<sup>13</sup>. Finalmente, uma nota para a colaboração literária de **M. Garcia Júnior**, em verso, de **João Rodrigues Dinato Morillo**, com o texto “O Palhaço”, e de **Alberto Braga**, com “Está no céu”<sup>14</sup>.

## ORGANIZAÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Regra geral, *A Risota* manteve as 4 páginas, a 3 colunas. Na primeira, além das gazetilhas, merece especial atenção a “**galeria de artistas e amadores mais em evidência na cena portuguesa**”, assinada por Jorge Grave. Incluiu sinopses biográficas, com os respectivos retratos, das actrizes Lucília Simões, Palmira Bastos, Lima Santana (esta na página 2, da edição de 15 de Março de 1908), Henriqueta Veiga, Angela Pinto, e dos actores Francisco Judicibus, Pedro Machado, Álvaro Filipe Ferreira e Álvaro Cabral. A segunda e terceira páginas eram ocupadas com as secções mais regulares do jornal, “Festas de Gato”, “A Risota nos teatros”, “A Risota nas salas” e a “Secção Charadística”. Pelo meio, mais gazetilhas. A última página era ocupada integralmente com anúncios, com alguns deles com lugar cativo, como, por exemplo, os anúncios à “Fotografia Pozal”, na Calçada da Estrela, à “Sapataria Rosa”, na mesma calçada, à “Tabacaria Fonseca”, na Rua de S. Bento, ou à “Alfaiataria Lopes”, na Travessa de S. Plácido, entre outros muitos estabelecimentos, em Lisboa.

---

<sup>12</sup> Além de colaborar n’*A Risota* foi também um actor de teatro amador, bastante popular, entrando em centenas de peças: um “artista consumado da alma artista que arranca lágrimas e provoca gargalhada” com muitos admiradores. Para saber mais sobre Jorge de Oliveira Grave, ver o número que lhe é quase integralmente dedicado, o 7, de 12 de Abril de 1908, com fotografia e tudo, a propósito da sua festa anual, desta vez dedicada a Manuel Bernardes, secretário do Casino Etoile, e a Casimiro Sá Rocha, director d’*A Risota* – ambos igualmente com direito a fotografia na primeira página daquela edição. A festa foi organizada pela redacção do jornal e incluiu um programa bem preenchido (V. p. 3).

<sup>13</sup> In *A Risota*, Lisboa, A. 1, n.º 4 (15 Mar. 1908), p. 1.

<sup>14</sup> Publicados, respectivamente, n’*A Risota*, Lisboa, A. 1, n.º 9 (28 Abr.1908), p. 2, e n.º 8 (19 Abr. 1908), p. 2.

Esta estrutura gráfica permaneceu praticamente inalterável até ao fim d'A *Risota*: a única excepção ocorreu no número de homenagem a Jorge Grave, já referido, onde temos 5 páginas: as quatro primeiras dedicadas ao actor amador, e secretário da redacção do jornal, onde, para não variar, temos várias gazetilhas e poemas escritos para o "amigo grave"; a última, incluiu algumas das secções habituais, sem anúncios.

No último número d'A *Risota*, o 11, de 10 de Maio de 1908, ainda foi anunciada a intenção, para a edição seguinte, de se começar "a publicar a resenha das **corridas de touros** que se realizarem no Campo pequeno", bem como o "retrato dos diversos artistas que tomem parte nas corridas" – secção que ficaria a "cargo de um aficionado modesto, mas amigo da verdade dos factos". Talvez para despertar o interesse para esta novidade, neste mesmo último número, o jornal publicou na "galeria artista", excepcionalmente, o retrato de dois "eminentes cavaleiros", José Bento de Araujo e José Casimiro. Mas já era tarde de mais, pois *A Risota* deixou de rir para nunca mais voltar a aparecer...

Álvaro Costa de Matos.

Lisboa, 26 de Outubro de 2011.